

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ESCREVER/FILMAR: ESCRITORES NO CINEMA

25 de Maio de 2021

THE GHOST WRITER

O ESCRITOR FANTASMA / 2010

um filme de ROMAN POLANSKI

Realização: Roman Polanski *Argumento:* Robert Harris, Roman Polanski *a partir de* The Ghost *de* Robert Harris *Fotografia:* Pawel Edelman *Montagem:* Hervé de Luze *Música:* Alexandre Desplat *Produção Artística:* Albrecht Konrad *Direção artística:* Cornelia Ott, David Scheunemann, Steve Summersgill *Guarda-roupa:* Dinah Collin *Efeitos especiais:* Roland Tropp (*supervisão*) *Interpretação:* Ewan McGregor (o escritor fantasma), Pierce Brosnan (Adam Lang), Olivia Williams (Ruth Lang), Kim Cattral (Amelia Bly), Kate Copleand (Alice), Soogi Kang (Dep), Jon Bernthal (Rick Ricardelli), Tim Preece (Roy), James Belushi (John Maddox), Timothy Hutton (Sidney Kroll), Anna Botting (jornalista da SKY TV), Yvonne Tomlinson, etc.

Produção: R.P. Productions, France 2 Cinéma, Studio Babelsberg, Runteam (França, Alemanha, Reino Unido, 2010) *Produtores:* Robert Benmussa, Roman Polanski, Alain Sarde *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, legendada em português, 128 minutos *Estreia:* 12 de Fevereiro de 2010, no Festival Internacional de Cinema de Berlim *Estreia em Portugal:* 15 de Julho de 2010 *Primeira exibição na Cinemateca:* 22 de Dezembro de 2014.

SESSÃO APRESENTADA POR ANTÓNIO PEDRO PITA

Foi-lhe proposto e foi um filme que Polanski começou por desdenhar. A iniciativa partiu de Robert Harris, autor do romance (*The Ghost*) e depois do argumento de THE GHOST WRITER. Parece que a ideia de uma história sobre um escritor contratado para passar à escrita as memórias de um primeiro-ministro britânico não despertou o interesse de Polanski. Parece também que uma vista de olhos pela história de Harris lhe alterou a disposição. THE GHOST WRITER seria, para Polanski, um filme inesperado mas agradavelmente estimulante depois de THE PIANIST e OLIVER TWIST (2002/05). Os seguintes viriam a ser CARNAGE e LA VÉNUS À FOURRURE (2011/13). Nesse sentido, pode dizer-se que THE GHOST WRITER foi “um interlúdio”. De certo modo “um regresso” a CHINATOWN (1974) ou a FRANTIC (1988). Talvez não seja tão “espectacular” como aqueles, mas tem emoção bastante.

Polanski lançou-se num filme que trata do estranho mundo dos “escritores fantasmas”, uma tradição no universo da edição anglo-americana, personagens anónimas nas capas de autobiografias que se publicam assinadas pelos seus protagonistas. O primeiro-ministro de Polanski é Pierce Brosnan (Adam Lang), mas o protagonista do seu filme é Ewan McGregor (personagem sem nome no filme), o escritor contratado para dar forma a um manuscrito de memórias inicialmente preparado por “outro” fantasma (decididamente o *fantasma* do filme), misteriosamente desaparecido, por afogamento, na costa da ilha da bela casa-refúgio do primeiro-ministro, que entretanto se vê sob escrutínio intenso e intensamente mediático por alegada cumplicidade em crimes de guerra no conflito do Iraque pelo Tribunal dos Direitos Humanos.

Um thriller de suspense político, portanto, onde cabem enganos e traições aos mais distintos níveis, e que se passa em grande parte no belíssimo cenário da fabulosa casa de Martha Vineyard na costa nordeste dos Estados Unidos, a sul de Cape Cod, uma casa de linhas minimalistas, excelência de gosto, amplas janelas rasgadas sobre a paisagem nublada rodeada de agentes de segurança, outras tantas medidas de vigilância e segredos quanto baste. A casa é pouco habitada. Com Lang, além de um staff-figurante, estão a mulher e conselheira política de longa data, a morena Olivia Williams (Ruth, uma bela composição para

uma intrigante personagem) e a assistente e amante, a loira Kim Katrall (Amelia, que cumpre o seu papel). É neste microcosmos que Ewan McGregor encontra o seu espaço e faz as suas descobertas.

Talvez não seja escusado notar (ou lembrar) que, totalmente indissociável do seu cenário, do modo como aí a narrativa se concentra dele tirando amplo partido, *THE GHOST WRITER* foi substancialmente rodado nos estúdios alemães de Babelsberg, nos arredores de Berlim, e os seus exteriores na ilha de Sylt no Mar do Norte, e na ilha de Usedom, no Mar Báltico. Não apenas Polanski não podia filmar nos Estados Unidos, pelas razões que se conhecem, como em 2009 foi preso pela polícia suíça quando se dirigia ao festival de cinema de Zurique. Foi a partir de casa que o filme foi ultimado e foi, claro, sem ele, que foi estreado em 2010 na Berlinale. E talvez não seja escusado notá-lo para lá da “questão de bastidores”, porque contando a história de uma figura pública sitiada (no caso, Adam Lang), *THE GHOST WRITER* foi filmado por um realizador também ele sitiado. (Há outra coisa a notar – ou lembrar – mas vai ficar neste parêntese: a evocação em surdina do sentimento britânico sobre o desempenho de Tony Blair – há semelhanças que não serão coincidências.)

O confinamento do espaço (à casa) é um dos grandes elementos da acção narrativa. O golpe de mestre de Polanski é o modo como faz de *THE GHOST WRITER* o filme de um *ambiente contaminado* por um espectro maligno enquanto constrói habilmente o desenrolar da intriga, faz progredir as relações entre as personagens, tira partido de uma certa *malaise*, que casa com o ambiente de gamas cinza da paisagem invernosa, muito batida pela chuva, omnipresente na casa onde (quase) tudo se passa e está para ela aberta.

Maria João Madeira